

**PROJETO DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DA ZONA
URBANA DE PELOTAS/ RS:
CATÁLOGO DO MATERIAL ARQUEOFAUNÍSTICO DO SÍTIO
CASA 8 ¹⁰**

Prof^a. Lic^a. Chimene Kuhn Nobre¹¹

INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa teve como objetivo estudar os vestígios arqueofaunísticos revelados pelas escavações realizadas em uma residência pelotense do séc. XIX. A pesquisa insere-se em um projeto mais amplo, desenvolvido sob responsabilidade do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ/ICH/UFPEL), em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas (SECULT), no âmbito do Programa BID/Monumenta.¹² Trata-se de um projeto de salvamento arqueológico das *Casas 2, 6 e 8, Casa da Banha e Praça Coronel Pedro Osório*, autorizado pela portaria IPHAN Nº 165, de 2 de Agosto de 2002. Conta com o apoio do CNPQ e FAPERGS.¹³

¹⁰ Este artigo é uma síntese da Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História, Nobre (2003). Orientador: Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira.

¹¹ Pesquisadora Associada do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) - Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil.

¹² O Programa Monumenta é um programa nacional coordenado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN / Ministério da Cultura) e financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), tendo como objetivo a revitalização e restauração de centros históricos. Na cidade de Pelotas, é coordenado por um gabinete vinculado à Secretaria Municipal de Cultura. A cidade de Pelotas integra um restrito número de cidades brasileiras que passaram por uma rigorosa triagem para serem merecedoras desses investimentos. No Rio Grande do Sul, apenas 2 cidades estão recebendo estes recursos, Porto Alegre e Pelotas.

¹³ IPHAN, Portaria nº. 165, de 02 de Agosto de 2002. FAPERGS, Auxílio Recém Doutor (ARD) 2004-2006, Proc. nº 02/1347.6. FAPERGS, Bolsa de Iniciação Científica (BIC) 2003-2004 e 2004-2005 (bolsista Rafael Guedes Milheira), Proc. nº 02512701. CNPQ, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) 2003-2004 (Bolsista Aluísio Gomes Alves), Proc. nº 1269/3. Apoio: Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas, por meio do Termo

O projeto começou com as escavações na Residência Conselheiro Francisco Antunes Maciel (*Casa 8*), iniciadas em março de 2002, em paralelo aos trabalhos de restauro realizados nos telhados e fundações (sistema de drenagem), sob responsabilidade de empresa XP Arquitetura e Restauro, numa ação financiada pelo IPHAN.

O nosso presente objeto de pesquisa constitui-se dos materiais zooarqueológicos resultantes das coletas realizadas nessa casa, construída em 1878, para um destacado membro da elite econômica e política local, integrante da família Antunes Maciel. O material osteológico foi estudado em conjunto pelo LEPAARQ e pelo Laboratório de Zoologia e Paleontologia (IB/UFPEL), orientada pelo biólogo Prof. Dr. José Eduardo Figueiredo Dornelles.

A metodologia de trabalho inclui a coleta, preparação, catalogação e identificação do material zooarqueológico encontrado na *Casa 8*. Por meio deste levantamento, elaborou-se uma coleção de materiais ósseos representativos da fauna silvestre e doméstica, cujos vestígios foram revelados pelas escavações nas áreas de pátio, porão e calçadas.

O desenvolvimento da intervenção arqueológica na *Casa 8*, como um procedimento emergencial de acompanhamento dos trabalhos de drenagem desenvolvidos pela empresa responsável pelo restauro, implicaram sérias adaptações da metodologia de campo, uma vez que o ritmo de trabalho da equipe de operários era bastante acelerado, dificultando a preservação do registro arqueológico em questão. Deste modo, na maioria dos porões, pudemos somente acompanhar a retirada de sedimento, verificando a existência de material arqueológico (vidro, louça, metais, ossos, cerâmica, etc). O ritmo de trabalho impediu a utilização de peneiras, impossibilitando a identificação de microvestígios orgânicos. O trabalho de acompanhamento, que iniciou anteriormente à liberação oficial do projeto, foi solicitado pelo IPHAN¹⁴. O procedimento de acompanhamento arqueológico, realizado com a utilização de colher de pedreiro para localização de materiais, foi realizado nas seguintes situações: diretamente nos porões em processo de acelerada escavação por parte dos pedreiros; nos carrinhos de mão onde a terra era depositada; no coletor de entulhos; e no depósito final de entulhos em que era deixada a terra extraída dos porões.

Aditivo visando ao desenvolvimento do projeto de salvamento arqueológico, assinado em 12 de Setembro de 2001. A pesquisa foi desenvolvida, em suas várias fases, com a colaboração de vários estagiários provenientes dos cursos de graduação e pós-graduação da UFPEL, das áreas de história, biologia, geografia, filosofia e arquitetura, bem como do colégio agrícola Visconde da Graça (CAVG/UFPEL).

¹⁴ Conforme correspondência do IPHAN datada de 09 de abril de 2002.

A análise arqueológica dos vestígios arqueofaunísticos permite colocar importantes questões históricas referentes a hábitos alimentares, bem como divisões sociais. As observações macroscópicas dos padrões de artefatos (sinais de fraturas, cortes, descarnamento) nas superfícies ósseas, ajudam na identificação das partes/cortes do animal utilizadas na alimentação.

Como vestígios de alimentação, além do material ósseo predominante, pertencente a mamíferos, foram coletados também exemplares de moluscos (conchas), ossos de aves, plastrão de tartaruga, peixes marinhos e de água doce. Além dos restos alimentares depositados na lixeira do pátio da *Casa 8*, a presença de materiais possivelmente anteriores à edificação dessa casa (abundantemente encontrados nos porões), sugerem que o atual terreno foi, anteriormente à construção da mesma e desde as primeiras décadas do século XIX, utilizado como depósito de lixo doméstico das habitações adjacentes, cuja existência está testemunhada em um mapa da zona urbana de Pelotas datado de 1835 (Ver: GUTIERREZ, 2001:169, fig. 38).

Os restos faunísticos nos proporcionam diversos tipos de abordagens. Na arqueologia urbana, dá-se ênfase a dois tipos de abordagens: identificação dos espécimes consumidos ou domesticados e identificação das marcas de artefato ou de quebra.

IDENTIFICAÇÃO DOS ESPÉCIMES CONSUMIDOS OU DOMESTICADOS:

Para a identificação dos ossos, foi necessário o recurso a uma coleção de referência, composta por material osteológico atual. Com base na comparação entre a morfologia osteológica dos exemplares da coleção de referência e dos achados arqueológicos, podemos identificar as espécies animais presentes na lixeira.

Na presente pesquisa, foram utilizados os cálculos de MNE (Minimum Number of Elements) e MNI (Minimum Number of Individuals), por se entender que são mais adequados à Arqueologia urbana, por que o MNE, ao quantificar os elementos¹⁵ ósseos, permite reconhecer quais partes/cortes¹⁶ dos animais eram

¹⁵ Elemento é uma categoria que sugere integridade anatômica, podendo tratar-se de uma unidade anatômica completa (por exemplo “escápula” ou “tíbia”) ou um segmento de osso (por exemplo “fêmur distal”). Estas definições resultam operativas já que coincidem com o conceito de espécime e elemento incluídos nas definições de NISP e MNE (MENGONI, 1988: 82).

¹⁶ Após o abate, o boi, a ovelha e o porco são cortados em pedaços e/ou descarnados. Estes pedaços são chamados de cortes, onde cada parte do corpo receberá um nome de corte específico, e terá um destino para consumo próprio, o qual, dependendo do corte, será destinado ao patrão ou ao trabalhador doméstico. Geralmente o abate ocorre na propriedade rural, somente indo para a residência urbana os cortes para consumo.

preferidos para consumo alimentar, enquanto o MNI, ao quantificar o número de indivíduos de uma mesma espécie, permite comparar qual espécie é mais consumida.

IDENTIFICAÇÃO DAS MARCAS DE ARTEFATO OU DE QUEBRA:

Marcas de objeto cortante, ocorridas na hora do descarte do animal abatido, ou, até mesmo, marcas de talheres, evidenciam a parte/corte destinada ao consumo. Como, por exemplo, no sínclino encontrado nas escavações, o qual possui marcas de desnucamento provocadas por objeto cortante na hora do abate. Também é possível observar marcas de dentes de predadores (gatos, cachorros), deixadas após o descarte do osso. As marcas de quebra em ossos longos, como fêmur e tíbia, sugerem a retirada de tutano, utilizado em sopas e feijão.

Com esse estudo de vestígios arqueofaunísticos, pretende-se reconstituir padrões sociais e culturais da alimentação do núcleo urbano pelotense que abandonou os restos de sua alimentação na lixeira situada no terreno utilizado para construção da *Casa 8* no final da década de 1870.

METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1 METODOLOGIA DE CAMPO – PROCEDIMENTOS DE ESCAVAÇÃO E COLETA:

Os trabalhos arqueológicos não puderam ser iniciados seguindo a metodologia de quadriculagem e demais procedimentos mais acurados de controle e registro do material arqueológico, uma vez que não foi possível articular previamente um cronograma comum aos trabalhos de restauração: os procedimentos de restauro antecederam o início da intervenção arqueológica, e seguiram seu ritmo e planejamento pré-definidos.

As condições de conservação e preservação do material arqueofaunístico eram impróprias para garantir a sua integridade durante a retirada do solo. O material ósseo da *Casa 8* encontrava-se num solo extremamente úmido, escuro e compacto; semelhante a uma argila, misturado a louças, vidros, grés e metais. Devido à umidade, o metal oxidou, ocasionando a formação de um aglomerado de ferrugem, fragmentos de louça e terra, que se fixaram a alguns ossos, o que acabou danificando alguns fragmentos. Ao chegar na profundidade aproximada de 20 cm, a água começava a verter, o que agravava as dificuldades da escavação.

Em vista das dificuldades encontradas durante a escavação, num primeiro momento, adotamos como procedimento metodológico o acompanhamento arqueológico da remoção de terra feita pelos pedreiros. Com a conscientização dos operários sobre a natureza e importância da pesquisa arqueológica, conseguimos diminuir o ritmo de destruição do sítio e isolar um setor do pátio interno e alguns porões para realização de procedimento controlado de escavação por quadrículas e níveis. Num segundo momento, foi elaborado um sistema de prospecções e sondagens *in situ* (porões, jardins e pátio), para descobrir e avaliar as potencialidades por área e conjunto a ser pesquisado. Em um terceiro momento, foi efetivado o acompanhamento arqueológico das escavações realizadas, em todos os porões, pela equipe de operários envolvidos na restauração.

A Casa 8 possui um total de 25 porões; desses, foi possível acompanhar a retirada de terra em 22 e somente em 2 deles foi possível realizar escavação aplicando a quadriculagem. Além dos porões, foi feito o acompanhamento nas trincheiras¹⁷ dos dois jardins laterais. Os porões foram escavados em até 50 cm de profundidade pelo trabalho de arqueologia e em algumas áreas em até 1m de profundidade pelo trabalho de restauro. Na maior parte dos porões, o método de escavação foi de acompanhamento da retirada de terras efetuada pelos pedreiros, sendo os sedimentos revisados sem a preocupação em peneirar a terra, o que impossibilitou a coleta de micro artefatos em abundância. No entanto, esse método permitiu uma maior agilidade e dinâmica em tempo, no que se refere à alocação de recursos materiais e estratégia de campo na divisão de pessoal no trabalho. Nas trincheiras das calçadas e dos jardins externos também foi realizado o acompanhamento da retirada de terra.

Através da escavação foram encontradas várias estruturas arquitetônicas, as quais foram desenhadas e fotografadas, o mesmo procedimento tendo sido aplicado às estratigrafias encontradas.

Nos pátios, interno e externos, além do acompanhamento, conseguimos isolar um setor para escavação com quadriculagem: os setores Sudoeste da antiga cavalaria e Norte da escada de acesso ao pátio. No que se refere ao porão 15 e ao pátio, foi viável o estabelecimento de uma malha, com utilização de quadrículas ou trincheiras, conforme a situação: as trincheiras, por exemplo, foram estabelecidas nas áreas em que os operários faziam as canaletas para o sistema de drenagem, junto às paredes do pátio. Do mesmo modo, o ritmo de trabalho imposto pela consolidação das estruturas arquitetônicas não permitiu a realização de plotagem por

¹⁷ Canaletas construídas com a finalidade de drenar a água dos porões.

nível do material extraído das referidas quadrículas e trincheiras. No entanto, o caderno de campo registra o tipo de ocorrência de material por níveis de 20 cm.

Dentro destas condições, procedeu-se à escavação dos porões e pátios, até uma profundidade de 50 cm a 1 m a partir do solo atual. A grande concentração de materiais foi observada no pátio, no setor localizado a L da casa, a SO da Cavalariça e a N da escada de acesso à casa pelo pátio. Esse setor foi dividido em trincheiras Norte, Leste e Oeste, quadrículas A, B e C, e poço de drenagem.¹⁸

2.2 METODOLOGIA DE LABORATÓRIO – PROCEDIMENTOS DE LIMPEZA, CLASSIFICAÇÃO, CATALOGAÇÃO, ACONDICIONAMENTO E TABULAÇÃO DE DADOS:

PROCEDIMENTOS DE PREPARAÇÃO E LIMPEZA DO MATERIAL ARQUEOFAUNÍSTICO

O material coletado era transportado para o laboratório e acondicionado. Na seqüência, o material arqueofaunístico era colocado para secar, para logo após ser iniciado o trabalho de limpeza. A etapa da limpeza consistia na retirada da terra que secou ao redor do osso com o auxílio de uma espátula pequena, escova de dente e pincel. Posteriormente, durante a análise, o mesmo material foi separado, identificado e quantificado.

PROCEDIMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO

Para a realização da identificação, registro e quantificação dos ossos, eles foram previamente divididos em três grupos: ossos inventariados; ossos catalogados e ossos pesados.

O primeiro grupo, com ossos inventariados, compõe-se de material arqueofaunístico identificável¹⁹: conchas, dentes, chifre e ossos que continham marcas de corte, descarnes e ou fraturas. Cada item de material identificado foi analisado em uma tabela com 18 campos a serem considerados.

No segundo grupo de material arqueofaunístico, composto pelo material catalogado e não inventariado, ficou o material osteológico que, embora permita a identificação do elemento ósseo, representava pequenas porções de elemento, podendo ocasionar contagem em duplicidade, e fragmentos pequenos de dentes,

¹⁸ Poço cavado, no pátio, pela empresa responsável pelo restauro, com a finalidade de drenar a água proveniente dos porões.

¹⁹ Segundo Mengoni (1988) fragmentos identificáveis são aqueles que se pode definir a que elemento pertencem e por onde se pode chegar a uma identificação taxonômica (espécie, gênero ou família).

ossos de peixes e ossos de aves. Estes foram separados, agrupados e quantificados por elemento e espécie, gênero e família, recebendo somente o número de catálogo.

Num terceiro e último grupo, estão os ossos maiores, compostos por fragmentos, cujo elemento ósseo não pôde ser identificado. Todos os ossos grandes são de Mammalia; as demais classes foram quantificadas e registradas em tabelas.

2.3 METODOLOGIA DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Os setores selecionados para análise ficam na área do pátio interno – na lixeira – onde havia uma maior concentração de material arqueofaunístico. Assim temos para análise os seguintes setores: 14.12 – Poço de drenagem (51 peças); 14.15 – Trincheira Sul (70 peças); 14.18 – Trincheira Norte (377 peças); e 14.31 – Quadrícula B2 (84 peças). Totalizando assim 582 peças nestes 4 setores.

Para a análise do material arqueofaunístico de mamíferos foi utilizado somente os ossos inventariados. Para determinar o MNE e o MNI foram selecionados para cada classe os seguintes elementos: Mammalia → escápula; úmero; rádio; fêmur; tibia – Aves → pré-maxila (bico); úmero; fêmur; tibiotarso; tarsometatarso – Osteichthyes → crânio; basipetrígio – Bivalvia → valva – Reptilia → plastrão.

Para uma melhor compreensão dos dados arqueológicos coletados em nossa pesquisa, buscaram-se referências históricas nos relatos de viajantes que passaram por Pelotas em meados do século XIX. Estes viajantes descrevem a paisagem, modos de vida e alimentação, do que se depreendem significativas informações arqueofaunísticas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS FONTES ZOOARQUEOLÓGICAS

A zooarqueologia tem como objeto fundamental de estudo o resgate dos padrões de comportamento e adaptação cultural, através das análises em restos de vertebrados e invertebrados provenientes de contextos arqueológicos. Na Arqueologia Histórica os restos faunísticos irão fornecer dados importantes sobre o modo de vida naquela sociedade. Somados aos outros materiais arqueológicos encontrados (como por exemplo louça, vidro, metais, cerâmica, etc.), podemos traçar um padrão de vida dos ocupantes de uma residência ou deposição de material anterior a ela. As concentrações de material arqueológico histórico se dão nas lixeiras de fundo de pátio, hábito normal até final do século XIX, quando começam a vigorar leis sanitárias e de higiene que proibem lixeiras dentro da zona urbana. O

V. I, n° 1. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jan/Jun 2004.

contexto alimentício de uma residência reflete um status sócio-econômico e/ou etnicidade; desse modo, deduzimos que os *ossos* encontrados foram o que restou das atividades de preparação e consumo da alimentação diária.

Um diferencial importante entre uma residência urbana e uma propriedade rural se dá na disposição e concentração do material arqueológico. Na residência rural não temos uma lixeira localizada, os restos faunísticos estão espalhados pelo sítio (campo). Numa residência urbana, por sua vez, o material refugado fica concentrado em uma lixeira, individual ou coletiva. Ao encontrar um sínclino bovino ou um cálculo renal em uma lixeira urbana, passamos a nos perguntar se o referido animal teria sido abatido *in locu*. Por via de regra, o abate ocorreria na propriedade rural, somente indo para a residência urbana as partes carnosas, previamente destinadas ao consumo, descartando as vísceras e sínclino, que eram utilizados para fazer gordura.

Na Pelotas de meados do século XIX, não havia uma linha divisória clara entre a área rural e urbana. As residências urbanas se portavam como rurais, pois o número de habitantes era pequeno, em torno dos 7.000 em 1858 (AVÉ-LALLEMANT, 1980:413). A área periférica do primeiro e segundo loteamento era composta por chácaras, que mesclavam características de vida urbana e rural. (Ver planta em: GUTIERREZ, 2001:164, fig. 36)

No Brasil, aos poucos, a Zooarqueologia vem adquirindo espaço nas pesquisas arqueológicas. A grande maioria dos trabalhos são direcionados para a zooarqueologia pré-histórica, com destaque aos trabalhos dos zooarqueólogos Levy Figuti, André Jacobus, André Rosa, Alberico Nogueira de Queiroz, entre outros. O contexto zooarqueológico histórico urbano é fonte de pesquisa recente; há sítios identificados e dados coletados, mas devido a uma certa limitação de orientação técnica, pouco material foi analisado. O estudo do material arqueofaunístico urbano poderá fornecer dados sobre o aspecto social e cultural de uma sociedade e sua contextualização na época.

INTERPRETAÇÃO DOS DADOS ARQUEOFAUNÍSTICOS: EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS E ARQUEOLÓGICAS DE USO E CONSUMO DE ANIMAIS NA PELOTAS DO SÉC. XIX

ANÁLISE HISTÓRICA – CONTEXTO ZOOARQUEOLÓGICO DE PELOTAS

Para entendermos melhor o contexto histórico e zooarqueológico da Pelotas de meados do século XIX, é importante a citação de trechos de relatos de viajantes que por aqui passaram.

Carl Seidler, ex-oficial alemão a serviço de D. Pedro I, começou sua viagem militar pelo país em 1827. Em fevereiro do mesmo chegou na Freguesia de São Francisco de Paula. Em seu livro faz uma descrição da paisagem faunística da região:

“Os principais artigos de exportação consistem em peles vacuns e chifres para o estrangeiro, sebo e carne seca ao sol para as outras províncias, sobretudo Rio de Janeiro. Também se exportam cavalos e mulas (...).

O viajante aqui encontra rebanhos de avestruzes, muitos veados e não raro o jaguar ou tigre brasileiro. Aves selvagens, como patos, gansos, galinhas, perdizes, em certos lugares existem em quantidade. As avestruzes estão longe de atingir o tamanho e beleza das africanas, raramente alcançam a altura de 5 a 6 pés e sua plumagem é cor de cinza pontilhada de escuro. Sua carne, que serve de alimento principal a certas tribos indígenas, tem sabor inteiramente igual ao da carne de rês, seca e magra, e é muito fiavel; só a gema dos ovos é tragável para o estômago europeu. Os veados destes campos têm um cheiro desagradável, semelhante ao dos bodes, razão por que não sevem de alimento, mas a carne dos veados mateiros é de gosto muitíssimo agradável.

É impressionante a facilidade com que aqui se cria e reproduz o gado. Entra ano, sai ano, cavalos e bois vagueam pelas enormes pastagens sem que ninguém pense em estabulá-los no inverno. Quando muito algum fazendeiro rico tem algum miserável abrigo de tábuas onde conserva no inverno os seus cavalos de estimação, fazendo então forrageá-los com milho (...) todos os demais cavalos e os bois têm que procurar alimento verão e inverno (...). Ao mesmo tempo os cavalos são horrivelmente judiados, eles têm que suportar as mais terríveis viagens. (...)

Encontram-se propriedades particulares de impressionante extensão. Algumas de 16 a 20 léguas quadradas, onde às vezes pastam 100.000 cabeças de gado e alguns milhares de cavalos. (...)

Nessas estâncias às vezes matam em um dia 400 a 500 bois, cujos couros e chifres vão para Rio Grande, de onde são vendidos para América do Norte, que em geral os recoloca no Brasil em artigos manufaturados. A carne é separada dos ossos em pedaços de 30 a 40 libras, é salgada e exposta ao sol para secar; o sebo e o tutano são amassados em tinas de madeira e expedidos em bexigas para o Rio de Janeiro. A carne, sobretudo de boi, é quase o alimento exclusivo desses homens, que com ela e com o seu modo de vida se dão muito bem e em média atingem avançada idade. Quase não conhecem legumes, salvo certamente o feijão preto, que aliás aqui é bem raro. Pão, só se encontra nas grandes cidades, como Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo; no campo só é conhecido, a bem dizer, de nome. Mesmo a farinha de mandioca, que costuma substituir o pão, já aqui é mais rara. O maior petisco é carne do feto vacum; muitas vezes abatem vacas só para tirarem o bezerro ainda imperfeitamente constituído e o preparam em fricassé, com muitos temperos; até o europeu pouco

a pouco toma gosto por este prato. Da própria vaca nada aproveitam: deixam a rês morta para os corvos, que aqui existem em extraordinária quantidade e que para o bem dos habitantes avidamente devoram toda a carniça como as entranhas, fígados, bofes e tripas, que amontoam perto das casas expostos ao calor solar, impedindo os corvos que ar pesteados produza perigosa epidemia. (...)

Costumam também tirar da rês recém-abatida a carne mais espessa do traseiro, com o couro, para assá-la lentamente no próprio couro sobre braseiro, de vez em quando salpicando-a com salmoura. (...) Como entretanto nem sempre querem estragar o couro, que é a parte de mais valor do boi, contentando-se ordinariamente em cortar só a carne, espetá-la em varas pontegudas e assim expô-la ao calor do fogo, quanto baste para ficar quente por dentro. Nas famílias que não são abastadas vêem-se tanto os homens como as mulheres acorados junto a uma dessas varas de 5 a 6 pés, e comerem com visível apetite, operação que em geral tem lugar três vezes por dia, do mesmo modo, sem jamais enjoarem do constante uso da carne. Não havendo faca ao alcance, dentes e dedos a substituem com rara perícia.” (Seidler, 1976: 88-93)

Em outras passagens, pela região de Pelotas, Seidler comenta também sobre a utilização de chifres para acondicionar cachaça (1976:205) e caveiras de cavalo e de boi como cadeira (1976:197).

Robert Ave-Lallemant, médico, exerceu atividade clínica durante 17 anos no Rio de Janeiro. Em 1855 deixou pela primeira esta cidade para realizar uma viagem pelo mundo e em 1858 começa sua viagem pelo Brasil.

Sua chegada a Pelotas foi em 18 de Maio de 1858, onde ficou hospedado 3 dias. Neste ano Pelotas contava com 7.000 habitantes. Em sua passagem ele comenta da ansiedade dos pelotenses em ver a cidade prosperar e que se desenvolvam colônias na margem do Rio São Gonçalo e suas vizinhanças. Antes de desembarcar do vapor ele começa a relatar o cotidiano em uma charqueada:

“Simples e aprazível é a foz do São Gonçalo. Há à direita e à esquerda, campinas planas, quase pantanosas, onde vivem legiões de aves de todos os tamanhos.(...)”

(...) Um rebanho de gado devia ser passado de uma das margens para a outra ou antes ser conduzido para os matadouros, onde o aguardava a faca assassina. Os animais pareciam pressenti-lo; estavam inquietos e corriam de um lado para o outro. (...)

Cada vez mais se aproxima a margem do rio, apareciam bonitos grupos de casas e a embocadura de um pequeno rio vindo do norte, o Rio Pelotas, a cujas margens se estendem estabelecimentos, de caráter verdadeiramente romântico, a certos respeito, mas, por outro lado, realmente repugnantes.

Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio

Em toda a região há um cheiro horrível de carniça! Couros, chifres, cascos, ossos, tendões, tripas e nauseantes massas de sangue em putrefação e, além disso, campos inteiros com carne dependurada, formam um verdadeiro monturo em grande estilo e assinalam o distrito onde encontra o seu centro o mais importante ofício da Província, que é abater bois e cavalos, principalmente éguas. Uma multidão de abutres sobrevoa a região ou ceva-se em sangue putrefacto!

Por mais aprazível que seja o porto de Pelotas; por mais largas, retas e em parte bonitas ruas que tenha a cidade que fica a um quarto de milha acima – neste matadouro extingue-se qualquer impressão de graça e de limpeza; em toda parte cheira mal!

Vêm-se couros secos em todas as lojas, em todos os cantos e recantos há couros secando: Couros e Companhia é a grande firma da cidade e quem neles não achar prazer ou vantagem pode, sem grande perda, deixar de ir a Pelotas.

São abatidas 400.000 reses anualmente em Pelotas, repugnante atascamento no sangue e nas imundícies dos animais, em que quase se animaliza a alma do magarefe dos homens. (...) (Avé-Lallemant, 1980: 407-408)

Em um momento ele chama Pelotas de *a degoladora de bois*. Mais adiante em seu relato ele comenta das fábricas que utilizavam os restos animais, não aproveitados para charque ou couro, para fabricar outros produtos como cola e vela. Começa citando a fábrica do senhor Eggers, um alemão de Hamburgo, que aqui estava há 17 anos:

“Aqui não posso descrever pormenorizadamente, velas e colas do senhor Eggers. Bem perto da margem do pequeno e navegável Pelotas, foi construído um espaçoso e apropriado edifício, de acordo com um plano inteligente, dotado com uma cuidadosa escolha de aparelhos a vapor, como caldeiras para fundir, máquinas de cortar e provido de trilhos à margem do rio, de modo que os produtos do hábil fabricante podem ser exportados diretamente em embarcações próprias. (...)

Ela produziu, no ano: 30.000 caixas de 48 libras de sabão, 12.000 caixas de 26 libras de velas, além de 2.500 arrobas de gordura líquida ou óleo animal de cascos e unhas e 2.000 arrobas de cola.” (Avé-Lallemant, 1980: 410)

Conde D’Eu ficou hospedado 9 dias em Pelotas, de 24 de Outubro a 3 de Novembro de 1865. Neste ano, Pelotas contava com 10.000 habitantes, igualando-se a Porto Alegre e ultrapassando Rio Grande. Em sua passagem pela bela e *próspera cidade, de ruas largas e esplendorosas carruagens*, ele fala das charqueadas ao longo do São Gonçalo:

“Andou também o barão a mostrar-me as famosas charqueadas, estabelecimentos onde os bois que vêm do interior são mortos, esfolados e salgados. Estes estabelecimentos são uma das mais importantes fontes da prosperidade de Pelotas. Não há na província outras charqueadas senão as do Triunfo não longe do Rio Jacuí, entre Porto Alegre e Rio Pardo; são porém estas muito importantes. Pode-se dizer que toda a região ao norte da linha que passa por São Gabriel e Alegrete manda o gado para o Triunfo, e que todo o sul da província, que é a parte mais rica de pastos, o manda para Pelotas. As charqueadas de Pelotas apresentam, porém, neste momento pouco interesse, porque só funcionam durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, isto por duas razões. É a única época em que, por um lado, os animais, que sempre emagrecem com as privações do inverno, estão bem gordos; em que, por outro lado, o sol tem bastante força para secar a carne e os couros, porque é pela ação do sol que a carne do boi, que se matou, se transforma em carne-seca, e que também se chama charque. Mostraram-nos as varas compridas de madeira em que ela se estende e se deixa exposta ao ar durante 24 horas ou mais, se o tempo está nublado. Todas as charqueadas, assim como diferentes fábricas de velas e de sabão, em que se aproveita o sebo dos animais, ficam situadas ao longo do rio. É pois, mesmo à porta do estabelecimento, que as embarcações vêm carregar a fim de conduzir os diferentes produtos para o Rio Grande ou mais longe.” (Conde D’Eu, 1981:138)

Em 1880, Louis Couty realiza um estudo comparativo entre o modo de produção do charque nas charqueadas do Sul e nos *saladeros* do Prata a pedido do Ministro da Agricultura e do Comércio. Em Pelotas, Couty acompanhou a preparação de charque em 9 charqueadas. Ele afirma que não somente o escravo consumia o charque, mas toda a população, mesmo a mais abastada. Segundo dados da Câmara do Comércio, fornecidos para sua pesquisa, estima-se que a produção das charqueadas de Pelotas corresponda ao abate de aproximadamente 400.000 bois por ano. Couty diz que a carne seca é um produto complexo, resultado de uma série de preparações complicadas, e que por isso descreve resumidamente todo o processo:

“a) Matança dos bois – Uma tropa de gado (...) chega ao saladeiro: encerram-na nos espaços fechados, ou “mangueiras” (...). No dia seguinte de sua chegada, geralmente, fazem-na passar por pequenos grupos de 20 a 60 mais ou menos em um espaço fechado menor, cercado de muralhas resistentes e bastante elevadas: é a “mangueira de matança” que comunica com as outras por um caminho estreito mais ou menos longo, o “curro” ou “brete”. Esta última mangueira tem um chão inclinado, e geralmente deslizante, macadamizado, em grandes tijolos ou às vezes em pranchas. A mangueira figura, com bastante exatidão, o plano de dois troncos de cone encostados por sua larga base: um dos vértices corresponde ao curro ou brete: o outro mais importante é aquele onde os bois vão ser sucessivamente mortos. Neste lugar o chão da mangueira continua com uma vagoneta móvel sobre trilhos.

(...) um colocado sobre uma plataforma que guarnece exteriormente a parede da mangueira de matação, atira um laço sobre um dos bois que estão lá reunidos: o animal é preso pelos chifres, ou mais raramente pela cabeça e o pescoço. A mesma corda do laço muito longa, enrola-se em torno de um molinete vertical ou transversal, ou simplesmente em torno de uma polia, e por sua extremidade oposta ao lado que laça, ela é fixada aos arreios de dois animais de carga, cavalos ou bois.

Uma vez o animal laçado, é suficiente fazer puxar a corda para que o boi seja arrastado por alguns metros, sobre este chão deslizante, e venha colocar-se diretamente sob a mão de um segundo operário (às vezes é o mesmo) o matador ou “desnucador”. Este desnucador (...) sobre a plataforma exterior (...) fica mais elevado que o boi. Este, quaisquer que sejam seus esforços e sua resistência, vem bater sua cabeça e é fixado contra um molinete pela tração da corda e dos animais de carga; e o desnucador só tem enterrar de alto abaixo um longo facão, muito resistente e mal afiado entre o atlas e o occipital para o bulbo. (...)

b) Transformação do boi em charque – O boi (...) é depositado sobre um piso de tijolos (...): são as “canchas”.

Uma vez em terra (...) o boi é imediatamente despojado de seu couro. Faz-se uma incisão e esfolia-se primeiro a cabeça; depois, quando se chega ao pescoço, (...) sangra-se, cravando o facão até o coração. (...) sem a sangria a carne seca mal e tem uma cor ruim.

O animal esfolado é dividido em pedaços: os quatro membros são retirados (...). Destaca-se, a seguir, em um só fragmento, todos os músculos cérvico-faciais, dorso-lombares e costo-abdominais do mesmo lado: cada um desses enormes fragmentos unilaterais constitui a “manta” (...).

(...) em Pelotas, destacam-se à parte os músculos lombo-iliacos direitos e esquerdos para deles fazer um pedaço único, supranumerário: o “lombo”. (...) os músculos intercostais (...) deixam-se (...) aderentes nas costelas (...) que formarão o que se chama as “costelas”. Estas costelas serão utilizadas, sobretudo, para a alimentação dos empregados e dos escravos.

A manta e os membros são levados ao galpão: ficam a cabeça, o tronco e as víceras. (...)

(...) A carne dos membros é separada dos ossos (...) o “carneador”, em alguns instantes, deixa apenas ossos e articulações completamente intactos.

(...) O boi é trazido em tiras de carne desprovidas de ossos, exceto a rótula conservada no colchão e um fragmento de omoplata unido à paleta. (...) A carne é preparada: ela tem que sofrer apenas mais duas operações últimas: a da salga e do dessecamento. (Couty, 2000: 95-102)

Couty (2000:120-123) também relata a utilização das partes menos valorizadas: das patas é extraído o óleo de mocotó; os chifres são separados de seu V. I, n° 1. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jan/Jun 2004.

conteúdo ósseo e vendido juntamente com o couro; os ossos são aproveitados no aquecimento de caldeiras e suas cinzas são vendidas na Europa como adubo, ou também depois de sair das cubas de gorduras, são esmagados ainda úmidos e seu pó vendido; da fervura de ossos, cabeça e o encéfalo, estômago e coração é obtida a gordura; o sebo é extraído dos invólucros renais e do peritônio. Depois da carne seca, o produto mais importante é o couro, que é preparado de modo diferenciado de acordo com o país para o qual será exportado.

Através destes relatos, destacamos dois pontos principais: a importância da carne na dieta alimentar e o reaproveitamento das partes dos animais no desenvolvimento da cadeia econômica de manufaturas. A carne, no segundo quartel do século XIX, era a principal fonte alimentar, desde as famílias menos abastadas até as mais prósperas. O couro era o segundo produto mais importante depois do charque. Na primeira metade do século XIX, os restos dos bois carneados eram enviados para a América do Norte e depois retornavam manufaturados para o Brasil, ocorrendo um subaproveitamento das sobras. Já na segunda metade do século, há um superaproveitamento dos ossos, vísceras e sangue; há uma produção local de velas, cola, sebo, gordura, gelatina, entre outros produtos. Deste modo, podemos traçar um panorama econômico, com a instalação de indústrias na zona rural e urbana. Dá-se um progresso econômico rápido de meados do século XIX até aproximadamente a década de 1890, quando começa uma estagnação econômica, devido à concorrência saladeiril, surgimento dos frigoríficos e o fim da escravidão, a qual era responsável por boa parte do consumo de charque.

ANÁLISE ARQUEOLÓGICA

ESTRATIGRAFIA DA CASA 8 – PERFIL 01 QUADRÍCULA B2 E B3

As quadrículas B2 e B3 se localizam no pátio interno da Casa 8. O desenho do perfil estratigráfico nos mostra duas camadas. A camada superficial, com espessura em torno de 10 a 15 cm, formada basicamente por areia, foi retirada antes da quadriculagem. Nela havia flores plantadas. Conforme o desenho estratigráfico, a primeira camada formada por terra úmida preta e por areia tem aproximadamente 20 cm. É nesta camada que se dá a maior concentração de material, principalmente de material arqueofaunístico. Logo abaixo vem uma segunda camada, formada de argila preta. Esta camada, bastante compacta, encontrava-se estéril.

ANÁLISE QUANTITATIVA DO MATERIAL ARQUEOFAUNÍSTICO

Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio

Foram inventariadas 872 peças, distribuídas em 24 setores escavados, que totalizam 47 elementos ósseos, com 11 espécies identificadas: roedores; tartaruga; jundiá, bagre (*Siluroidei sp.*); boi (*Bos taurus*); cachorro (*Canis familiaris*); gato (*Felis domestica*); porco (*Sus scrofa*); cavalo (*Equus caballus*); galinha (*Gallus gallus*); pato (*Anas platyrhynchos*); ostra (*Ostrea pulchra*); crassostrea (*Cassostrea rizophorae*).

Conteúdo ictiológico – composto pelo material ósseo de peixes. Peças inventariadas totalizam 13, distribuídas em 05 setores, somando 08 elementos. Peças catalogadas totalizam 675, distribuídas em 25 setores, somando 13 elementos.

Taxon: *Siluroidei sp.* (bagre) MNE = 05 MNI = 04

Conteúdo herpetológico – composto pelo material ósseo de répteis. A única incidência de Reptilia ocorreu no setor 14.11 – Porão 11, onde foi retirado material da Ordem Chelonia, que é um fragmento de plastrão de tartaruga serrado. Infelizmente o fragmento é muito pequeno para que se possa identificar a espécie.

Conteúdo ornitológico – composto pelo material ósseo de aves. A única incidência do táxon *Anas platyrhynchos* ocorreu no setor 14.46 – Porão 19, onde foi retirada a pré-maxila (bico) de um pato. Peças inventariadas totalizam 20, distribuídas em 3 setores, somando 10 elementos. Peças catalogadas totalizam 72, distribuídas em 25 setores, somando 16 elementos.

Taxon: *Gallus gallus* (galinha) MNE = 05 MNI = 03

Conteúdo conquiológico – composto por moluscos (bivalves e gastrópodes). A única incidência do táxon *Cassostrea rizophorae* ocorreu no setor 14.11 – Porão 11, onde foi retirada uma das valvas (completa) desta ostra marinha. Peças inventariadas totalizam 8, distribuídas em 5 setores, somando 1 elemento - valva. Peças catalogadas totalizam 10, distribuídas em 9 setores, somando 2 elementos. Nos setores de comparação não foram encontrados exemplares de *Ostrea pulchra*, mas temos registro em outros setores: tabela 4 - 4 valvas completas e 2 fragmentos; tabela 5 – 1 valva completa e 28 fragmentos.

Conteúdo mastozoológico – composto pelo material ósseo de mamíferos. A única incidência do táxon *Equus caballus* ocorreu no setor 14.18 – Trincheira Norte, onde foi retirado um dente canino de um cavalo. Também se retirou nas escavações um cálculo renal, provavelmente de bovino, no setor 14.11 – Porão 11. Também no setor 14.18 – Trincheira Norte foram retirados três chifres e um crânio completo, ambos de *Bos taurus*. Este crânio continha marcas de corte na região occipital. Peças

inventariadas totalizam 830, distribuídas em 24 setores, somando 43 elementos. Peças catalogadas totalizam 3485, distribuídas em 34 setores, somando 16 elementos. Não foi calculado MNE e MNI para gato e cachorro, pois não faziam parte do consumo.

Taxon: <i>Sus scrofa</i> (porco)	MNE = 05	MNI = 04
Taxon: <i>Bos taurus</i> (boi, vaca)	MNE = 37	MNI = 32

ANÁLISE TAFONÔMICA

O material escolhido para análise é proveniente de 04 setores que se localizam na área do pátio interno da *Casa 8*, que pela disposição do material arqueofaunístico juntamente com outros materiais encontrados (por exemplo louça e metal) foi caracterizado como uma lixeira. Provavelmente, este material constitui-se dos restos alimentares de residências adjacentes da zona urbana e anteriores à construção da *Casa 8* (1878), como indica a datação das louças. Uma grande parte dos ossos possuem marcas de descarnar e/ou caracterizada por retirada de tutano e consumo. Alguns fragmentos estão carbonizados ou até mesmo calcinados. Estes vestígios de queima no solo revelam um melhor aproveitamento do espaço com uma redução de material acumulado. A distribuição, quantidade e variedade do material encontrado, sugere-nos que seria uma lixeira coletiva.

ANÁLISE QUALITATIVA DO MATERIAL ARQUEOFAUNÍSTICO

Na análise qualitativa do material arqueofaunístico foi levado em consideração as marcas de uso e consumo. Desta maneira o material foi dividido em três grupos, segundo as marcas:

1. **Marca de descarnamento:** material com corte; serrado; raspado; cortado (atorado) e quebrado.

Corte – material ósseo com marcas de corte de “faca”. Exemplos: chifre de *Bos sp.* quebrado com tecido ósseo interno; crânio de *Bos sp.* fragmentado devido à sua fragilidade durante a retirada na escavação, possui marcas de corte e cortado (atorado) na parte posterior do crânio, ocasionadas pelo desnucamento (abate); fúrcula de *Gallus sp.* quebrado com marcas de corte de “faca” em uma das faces.

Serrado – material ósseo com marcas de serrado. Exemplo: costela de *Bos sp.*, com uma cavidade no sulco costal, produzida por um objeto cortante que deixou um “serrilhado” na borda da cavidade; plastrão de tartaruga, por se tratar de um fragmento muito pequeno, não foi possível identificar sua espécie, apresenta marcas de serra em uma das extremidades; na outra, está quebrado.

Raspado – material ósseo com marcas de raspado. Exemplo: metatarso de *Sus sp.*, com marcas sutis de um objeto que raspou o osso, provavelmente ocorrido por dentes humanos ou de carnívoros (gato ou cachorro).

Cortado (atorado) – material ósseo quebrado, possivelmente para a retirada de “tutano”. Exemplo: diáfise média de tíbia de *Bos sp.*, com marcas de cortado, provavelmente, pelo tipo de quebra, ocasionadas durante a tentativa de retirada do tutano; vértebra de *Bos sp.*, com marcas de cortado provavelmente ocasionadas na hora do descarte; costela de *Bos sp.*, com marcas de cortado, provavelmente de descarte.

Quebrado – Exemplo: rádio e ulna de *Bos sp.*, fragmento da diáfise média, a quebra pode ter ocorrido na tentativa de retirada do tutano; metatarso de *Bos taurus*, extremidade distal, fragmento quebrado com marcas de corte de “faca” próximo da epífise distal, estas marcas estão nas faces posterior e anterior; úmero de *Bos sp.*, fragmento quebrado, provavelmente ocasionado na tentativa de retirada do tutano.

2. **Marcas de queima:** material carbonizado e calcinado. Exemplo: falange de *Bos sp.*, parte da extremidade proximal apresenta-se carbonizada e quebrada; escápula de *Sus sp.*, a borda cranial apresenta-se carbonizada e quebrada.
3. **Marcas de reaproveitamento:** material com marcas de manufatura para produção de utensílios. Foi encontrado material, em pequeno número, que sugere a fabricação de objetos a partir da manufatura de ossos. Temos dois exemplos encontrados, um fragmento de costela de *Bos taurus* com três orifícios, com tecido ósseo interno retirado para formação de um tubo que permite circulação de ar: característica típica da confecção da flauta, recorrente em várias culturas. No entanto, o formato curvo da seção óssea é pouco usual na fabricação de flautas. costela de *Bos sp.*, diáfise média com três pequenos orifícios, dois alinhados e, um terceiro, na diagonal, sua superfície está ondulada. E um fragmento de osso²⁰ com rosca interna e um orifício elevado, sugerindo polimento do osso visando ao acabamento externo que revela preocupação com a aparência da peça: sugere a confecção de uma flauta.

²⁰ Não foi possível identificar a que elemento pertencia por se tratar de um fragmento muito pequeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão deste trabalho pode-se identificar que havia uma quantidade bem diversificada de ossos de vários taxa (na maioria espécimens domésticos, com algumas exceções peculiares). Pelas marcas de descarnamento presentes na grande maioria dos ossos, os animais que faziam parte da alimentação das pessoas na Pelotas do século XIX eram o boi, porco, aves e peixes. Quanto aos moluscos, por terem sido encontrados em pouca quantidade e por não apresentarem marcas de consumo, não podemos afirmar que faziam parte da dieta – inclusive, nos relatos de viajantes, não há registro desse hábito alimentar.

Pelas fraturas encontradas em ossos grandes de bovinos, deduz-se que era um hábito comum o consumo de tutano em feijão e sopas. Do mesmo modo, era muito freqüente o fervimento das patas de boi para retirada do mocotó, o que ficou evidenciado pela grande quantidade destes ossos encontrados na escavação da *Casa 8*. Inspirando-se na analogia com a culinária regional atual, pode-se supor a utilização desta parte do animal para o preparo de sopa de feijão ou do conhecido “mocotó”. No entanto, os relatos dos viajantes não mencionam a utilização do mocotó, seja como óleo culinário ou como incremento da sopa de feijão (Couty, 2000:120). Segundo Seidler, não era hábito o consumo de legumes ou farinha, sendo até mesmo o pão pouco conhecido na região de Pelotas. Há referências para o consumo de feijão preto, apesar de muito raro, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.²¹ Apesar dos viajantes não fazerem menção ao consumo do “mocotó”, a Arqueologia indica sua ocorrência na cidade de Pelotas no séc. XIX.²²

Até o momento, pensava-se, conforme os testemunhos escritos conhecidos, que os animais seriam abatidos nas charqueadas e somente depois suas partes para consumo alimentar seriam levadas para a residência, descartando-se ainda na unidade produtiva as vísceras e o crânio que eram usados para fabricação de gordura e os chifres que eram geralmente exportados. Considerando que o boi era desossado para obtenção das mantas de charque, e que os ossos eram usados para fabricação de gordura e sebo, a ocorrência, na escavação da lixeira localizada sob a *Casa 8*, de diversos fragmentos de crânio, acetábulo, fêmur, tíbia, entre outros elementos, sugere-nos que no princípio da formação do núcleo urbano havia um

²¹ Na Freguesia do Cabo de Viamão, Carl Seidler (1976:210-11) presenciou o consumo de toda espécie de grãos e legumes europeus, como a sopa de galinha acompanhada de feijão.

²² O “mocotó” é um prato regional tradicional, integrante da culinária campeira gaúcha, que consiste numa sopa de feijão branco composta por vários ingredientes, incluindo diversas partes do boi como as patas e intestino, entre outros ingredientes.

local de abate nos arredores do sítio *Casa 8*, o que está evidenciado também através da revelação, durante as escavações, de um sínclino bovino e um cálculo renal. Esse dado nos possibilita considerar o abate de animais próximo à residência urbana, em épocas em que não havia uma separação mais definida entre área urbana e a rural.

No mapa do segundo loteamento, com data de 1935, consta uma pequena construção nos fundos de onde hoje temos a *Casa 8*. A *Casa 2* já tinha sido construída neste período. Somente pesquisas mais detalhadas em fontes escritas, como relatos de outros viajantes que tenham mais detalhes sobre hábitos e consumo desta época em Pelotas, e o término das escavações inclusas no Projeto de Salvamento Arqueológico das *Casas 2, 6 e 8, Casa da Banha e Praça Coronel Pedro Osório*, poderão nos indicar sobre o abatimento de animais no local onde está a *Casa 8* e adjacências, bem como os hábitos alimentares. O que é perceptível, através dos resultados obtidos até o momento nesta pesquisa, é que o consumo de carne era muito elevado na época, bem como o consumo de peixes devido à grande quantidade de fragmentos encontrados, e que apesar dos viajantes pesquisados relatarem o pouco consumo de legumes, a produção de sopas era elevada devido às fraturas identificadas nos ossos e nos elementos encontrados em maior quantidade, tais como fêmur, tíbia e úmero.

O aprofundamento da pesquisa sobre o uso e consumo dos animais na vida diária da Pelotas do séc. XIX, seja no que se refere aos hábitos alimentares ou à reutilização econômica de material faunístico, requer um estudo integrado dos relatos de viajantes e naturalistas daquele período, bem como um estudo mais detalhado da economia da época. A antropologia da alimentação pode fornecer referenciais importantes para interpretação do consumo alimentar baseado nos animais.

CORPUS DOCUMENTAL

AVÉ-LALLEMANT, Robert, 1812-1884. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Tradução Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

CONDE D'EU, Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia/USP, 1981.

V. I, n° 1. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Jan/Jun 2004.

- COUTY, Louis. *A erva mate e o charque (Le maté et les Conserves de viande)*. Série história, educação e cultura do Pampa II. Tradução Eleonora Sobreiro Jaime. 2 ed., Pelotas: Seiva, 2000 (1880), p. 100-148.
- SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Tradução e notas do General Bertoldo Klinger, prefácio e notas do Coronel F. de Paula Cidade. 3.ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1976 (1835).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DE REFERÊNCIA SOBRE ZOOLOGIA

- GETTY, Robert. *Anatomia dos animais domésticos*. Título original *Sisson and Grossman's The anatomy of the domestic animals*. 1.ed. em português, traduzido e adaptado da 5.ed. original. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1981.
- HILDEBRAND, Milton. *Análise da estrutura dos vertebrados*. Título original *Analysis of vertebrate structure*. Ilustrado por Vila e Milton Hildebrand; coordenadora da tradução Ana Maria de Souza Oliveira. 3.ed. São Paulo: Atheneu, 1995.
- HOLZ, Michael & SIMÕES, Marcelo G. *Elementos fundamentais de tafonomia*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/URGS, 2002. 231 p.
- ORR, Robert T. *Biologia dos Vertebrados*. Título original *Vertebrate Biology*. Tradução Dirceu Eney, Maria Christina de Oliveira Viana e Maria Eugênia de Oliveira Viana. 5.ed. São Paulo: Editora Roca Ltda, 1986.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA SOBRE ARQUEOLOGIA

- Arqueologia Histórica Argentina*. Actas del 1º Congreso Nacional de Arqueologia Histórica. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Corregidor, 2002.
- DAVIS, Simon J. M. *The Archaeology of animals*. London: Batsford, 1987.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *A arqueologia histórica no Brasil*. in B.C.M.U., Campinas, SP. vl. 6, n° 12 jul/dez, 1994.
- _____. *Arqueologia histórica e cultura material*. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 1998.
- LIMA, Tânia A. "Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites" In: *Estudos Ibero-americanos*. Porto Alegre: PUCRS, dezembro 2002.

- MENGGONI G., Guillermo L. *Análisis de materiales faunísticos de sítios arqueológicos*. Mendoza, Argentina: 1998. Xama 1, p. 71-120.
- PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.
- RENFREW, Collin & BAHN, Paul. *Arqueologia: teorías, métodos y practica*. Madrid, Espanha: AKAL S.A., 1993.
- ROVIRA, Beatriz E. *Arqueología histórica del conjunto jesuítico de Nuestra Señora de la Candelária, provincia de Misiones. Capítulo 5 El Análisis Zooarqueológica*. La Plata: Universidad Nacional de la Plata, 1989. Tesis Doctoral. vl. 2 p. 90-110; 199-204; 253 e 254.
- SYMANSKI, Luís Cláudio. *Arqueologia de contrato em meio urbano no Brasil – Algumas considerações*. Comunicação apresentada no simpósio “A Arqueologia no meio empresarial”, organizado pela Sociedade de Arqueologia Brasileira e Universidade Católica de Goiás. Goiânia, GO: 28 a 31 de agosto de 2000.
-
- _____. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1998.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA SOBRE A HISTÓRIA DE PELOTAS

- ESSINGER, Cíntia Vieira & GUTIERRES, Éster. J. B. *A cidade e os valores histórico e artístico. Pelotas, 1815-1888. Parte I – Praças. Relatório parcial de pesquisa*. Pelotas, 2001, p. 41-3.
- GUTIERRES, Ester J. B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2.ed. Pelotas: Editora Universitária / UFPEL, 2001.
- MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim & SCHLEE, Andrey Rosenthal. *100 Imagens da Arquitetura Pelotense*. Pelotas: Palloti, 1998, p. 76.
- SANTOS, Carlos Alberto dos Santos. *Espelhos, máscaras e vitrines. Estudo iconológico de fachadas arquitetônicas. Pelotas. 1870-1930. Coleção História e Etnia*. Pelotas: Ed. UCPEL, 2002.

Recebido em: 13/09/2003

Aprovado em: 04/01/2004

Publicado em: 06/02/2004